

O TIRO CIVIL

Orgão dos Atiradores Civis e Caçadores Portuguezes

PROPRIETARIOS:—ANSELMO DE SOUZA E PALERMO DE FARIA

Publicações

Anuncios, cada linha, typo commum.	20 réis
Comunicados	60 »
Reclamos	100 »
Artigos	200 »

Assignaturas

Lisboa, série de 12 numeros	300 réis
Provincias, séries de 24 numeros	600 »
Numero avulso	50 »
Paizes da união postal, 24 numeros	1.000 »

Quinta feira 12 de novembro de 1896

RESUMO

O tiro nacional, por PALERMO DE FARIA.—Atiradores premiados.—Concurso de tiro.—Carreira de tiro.—As posturas sobre os cães.—Associação protectora da caça em tempo defeso.—Caça e caçadas.—O direito de caçar, por MARTELLEIRO.—Tiro civil.—Associação dos Atiradores Civis Estrella.—200 ratoeiras.—Teremos bicudas este anno?—por B. DE SÁ.—Tiro civil em Chaves.—Nova pistola.

O TIRO NACIONAL

TRES annos de propaganda e de trabalho, em que tem sido empregados os melhores e mais sinceros esforços por todos quantos reconhecem a necessidade do tiro nacional, levaram-nos ao convencimento de que, se era difficil a empreza, não seria improficuo o resultado obtido e que a pouco e pouco iria sazonzando o fructo.

O concurso de tiro, que vae realizar-se no proximo domingo 15 do corrente, commemorando o 3.º anniversario da fundação da Associação dos Atiradores Civis Portuguezes, prova bem que ha já muito quem pense no tiro nacional e esteja convencido de que deve generalisar-se e proteger-se, para que o paiz inteiro se torne apto para defender o que lhe pertence e fazer respeitar o que tanto sangue e tantos sacrificios lhe custou, em épocas cuja tradiçào são uma das maiores glorias da terra portugueza.

Ao appello feito pela commissão encarregada de organisar o programma do concurso responderam muitos socios e muitos industriaes, e permittiram assim aos organisadores da festa, a distribuição de recompensas que, se não são uma riqueza, representam ainda assim valores importantes e a boa vontade dos que por este modo se associaram á idéa generosa e boa de habilitar o elemento civil a collocar-se ao lado do exercito e prestar-lhe auxilio effizaz e util.

No momento em que as principaes nações da Europa tanto se preocupam com a generalisação do tiro civil; na occasião em que a França faz todas as diligencias e emprega todos os meios para popularisar os exercicios de tiro e pensa em estabelecer nas escolas primarias, secundarias e superiores, não poderíamos nós ficar indifferentes a um movimento que irá arreigando a idéa, de que a militarisação de todas as classes e de todas as camadas sociaes, é uma necessidade imperiosa perante as exigencias modernas e consequencia inevitavel da paz armada que assegurará o socego universal.

Nem todos se compenetraram ainda entre nós do que é o tiro nacional e bem poucos são, por emquanto, os que veem n'elle uma base segura e grandiosa d'uma regeneração que, em demasia, se tem feito esperar já.

Ha ainda quem defenda o absurdo de que o tiro civil não tem vantagens e tente provar a sua inutilidade; mas para responder aos que se embrenham n'este caminho errado e altamente prejudicial para

os interesses d'um povo em que a população não é grande, basta o exemplo da Suissa e do Transvaal que tem armado e exercitado o braço de todos os homens válidos, de todos quantos podem defender a sua autonomia e a integridade da patria em que nasceram.

Seguir este exemplo de civismo é um dever de todos; contrariar-o um erro que pode perder-nos ou, pelo menos, deshonrar-nos.

PALERMO DE FARIA.

Atiradores premiados

Concurso annual de tiro em 28 de junho de 1896

5.º PREMIADO



Luiz Fausto Guedes Dias
Capitão de infantaria

A biographia do sr. capitão Luiz Guedes foi publicada em o numero 41 de 12 de dezembro de 1895, quando demos os retratos dos atiradores premiados no 2.º grupo do concurso de tiro promovido pela Associação dos Atiradores Civis Portuguezes para commemorar o 2.º anniversario da sua fundação e realiado em 10 de novembro de 1895.

No concurso de 28 de junho, o sr. capitão Guedes teve o premio do ministerio da guerra, um barometro aneroide e medalha de prata.

CONCURSO DE TIRO

REALISA-SE no proximo domingo, 15, como estava annunciado, o concurso de tiro commemorativo do terceiro anniversario da fundação da Associação dos Atiradores Civis Portuguezes.

As condições do concurso são as seguintes:

Programma do concurso de tiro em 15 de novembro de 1896

Serão admittidos todos os atiradores, nacionaes ou estrangeiros, que se inscreverem na occasião.

Na respectiva minuta será mencionado se o concorrente pertence a qualquer Associeção ou Grupo de atiradores.

Cada atirador fará 20 tiros em 2 séries com a espingarda 8^{mm}, K^m/1886.

1.ª série—Alvo circular de 1,20 de diametro, dividido em duas zonas, tendo a primeira (interna) 0,30 de diametro e a segunda (externa) 0,30 de facha. Distancia 300^m—10 tiros de pé; marcação tiro a tiro, sendo as balas acertadas na 1.ª zona indicadas por bandeira encarnada e as na 2.ª zona por bandeira branca.

2.ª série—Alvo figura de joelhos. Distancia 200^m 10 tiros á vontade, marcação tiro a tiro.

Em caso de egualdade no numero de balas acertadas nas duas séries, prefere, em 1.º logar, o maior numero na 1.ª zona do alvo da 1.ª série e, em 2.º logar, o maior numero no alvo da 2.ª série.

Se ainda houver empate, desempatar-se-ha em série de 5 tiros no alvo da 2.ª série.

Os concorrentes socios ordinarios da Associação dos Atiradores Civis Portuguezes, para a obtenção dos premios que lhe são especialmente designados, serão classificados nas mesmas condições.

Todos os atiradores tem direito aos premios.

Para os socios ordinarios da Associação dos Atiradores Civis Portuguezes.

1.º—Premio Anselmo de Souza—medalha de vermeil.

2.º Medalha de prata.

3.º Medalha de cobre.

A cada medalha corresponderá um diploma que será conferido tambem a todos os socios de qualquer cathegoria que obtiverem percentagem egual ou superior a 50^o/_o.

As munições serão pagas pelos atiradores.

Qualquer reclamação será dirigida ao Director da carreira que, por seu turno a communicará ao jury, quando diga respeito á classificaçào.

Não se admittem reclamações por troca de alvos.

O jury será constituído pelos srs. presidentes: da Camara Municipal de Lisboa, da Assembléa geral da Associação dos Atiradores Civis «Estrella», Assembléa geral dos Atiradores Civis Portuguezes e pelos srs. tenente coronel d'infanteria José Nicolau Raposo Botelho, capitão d'artilheria José Nunes Gonçalves e capitães de infantaria Narchial de Carvalho e Jeronymo da Piedade Rollo.

.

Os dois primeiros premios são de 40\$000 réis e 20\$000 réis, havendo já além d'estes os seguintes:

Um copo de crystal com guarnições de prata, offerecido pelo sr. commendador João Carlos d'Oliveira; um gallo de louça das Caldas, modelado e offerecido pelo sr. Raphael Bordallo Pinheiro; uma pasta de chagrin com cantos de prata, do sr. Almier; um estojo em marfim e metal branco para escriptorio, do sr. José Mendes Gouveia; um album em branco, do sr. Julio Ribeiro; um thermometer montado em metal branco, do sr. Palhares & Comandita; um corta charutos, do sr. João Bregaro; um pesa papeis, da Tabacaria Marques; um par de botas de caça, dos srs. Fernandes & Fernandes; um cantil, do sr. Manuel Nunes Correia; uma caixa de meias francezas (doze pares), do sr. Nunes Marques; um tinteiro, da papellaria La Bécarre; uma garrafa de crystal lapidado, para quatro vinhos, fabrico especial, do sr. Magalhães; dois pratos em baixo relevo, do sr. Eduardo Castello Branco; uma lição de trompa, phantasia em barro, da papellaria Baeta Dias.

O Grupo Patria offerece um premio em cartuchos.

O premio Anselmo de Sousa, destinado ao atirador, socio ordinario da Associação dos Atiradores Civis Portuguezes que fór mais classificado é uma salva de prata oxydada do valor de 22\$500 réis.

CARREIRA DE TIRO

No domingo 8 do corrente dispararam-se 1:410 tiros com o seguinte resultado:

ALVOS

N.º 1 normal a 100.^m N.º 2 e 3 normaes a 300.^m N.º 4 e 5 circular de 1.^m 20 a 300.^m e N.ºs 6, 7 e 8 figura de joelhos a 200.^m.

Os alvos n.ºs 4 a 8 são os que hão-de servir no concurso de 15 do corrente.

Alvo a 100. ^m	40 disparados	33 acertados
> 200. ^m	490	189
> 300. ^m norm.	380	204
> 300. ^m circ...	500	203
Total..	1:410	629

Associação dos Atiradores Civis Portuguezes

Os socios d'esta Associação fizeram 650 tiros:

Alvo a 100. ^m	20 disparados	19 acertados
> 200. ^m	240	99
> 300. ^m norm.	150	87
> 300. ^m circ..	240	89
Total...	650	294

Associação dos Atiradores Civis Estrella

Os socios d'esta Associação fizeram 210 tiros:

Alvo a 200. ^m ...	90 disparados	25 acertados
> 300. ^m norm.	60	40
> 300. ^m circ..	60	32
Total...	210	97

Grupo Patria

Os socios d'este Grupo fizeram 60 tiros:

Alvo a 200. ^m	10 disparados	3 acertados
> 300. ^m circ..	50	26
Total...	60	29

Grupo Suíço

Os socios d'este Grupo fizeram 110 tiros:

Alvo a 200. ^m	40 disparados	22 acertados
> 300. ^m norm.	20	14
> 300. ^m circ..	50	16
Total...	110	52

Grupo do Athenen

Os socios d'este Grupo fizeram 80 tiros:

Alvo a 200. ^m	50 disparados	15 acertados
> 300. ^m circ..	30	10
Total...	80	25

Matricularam-se de novo na carreira os srs. D. José de Salles da Gama, de 19 annos, natural de Panoias, estudante; Luiz da Cunha Rodrigues, de 20 annos, natural de Lisboa, caixeiro.

As posturas sobre os cães

NINGUEM contesta a necessidade da mais rigorosa fiscalisação, sobre os animaes da raça canina, por isso que é enorme o perigo tanto para as pessoas como para os animaes, sempre que um cão é atacado de raiva, mas é preciso que as providencias sobre este melindroso assumpto, não sejam de molde a trazer outros prejuizos embora menores, algumas vezes graves injustiças e deshumanidades, consequencias dos exageros que quasi sempre se seguem á absoluta indifferença que chega a tocar as raias do desleixo.

Estas considerações são-nos suggeridas pelo edital que abaixo publicamos.

Diz o n.º 2 d'este documento que *tudo o animal referido encontrado sem açamo e só com a colleira ou vice-versa será abatido.*

Em vista d'esta disposição os cães dos caçadores, tem de caçar de açamo? e em caso contrario serão abatidos? Não nos parece assim. Desde que o cão traga colleira com o numero de licença nome e morada do dono, e em exercicio da caça, não se lhe pode applicar o n.º 2 do referido edital, mas para isso falta no mesmo documento um paragrapho que assim o perceitue.

E' preciso que este ponto fique bem esclarecido de forma a evitar equivocos e arbitrariedades.

Do nosso amigo o sr. Junqueira digno administrador do concelho de Cintra esperamos tomará na devida consideração estes nossos reparos, que são justos.

Segue o

EDITAL

O Administrador do Concelho de Cintra etc.

A bem da segurança publica, usando da faculdade que me confere os n.ºs 13.º e 16.º do artigo 278.º, do Código administrativo, faco saber o seguinte:

1.º—Que não é permitido o transito de cães n'este concelho, sem andarem açamados e trazerem uma colleira com o numero da respectiva licença e a designação do nome e da morada do dono.

2.º—Que todo o animal referido encontrado sem açamo e só com a colleira será abatido.

3.º—Que o açamo será conforme o modelo adoptado pela camara municipal de Lisboa.

4.º—Que os infractores do presente edital que começa a vigorar desde a sua data, serão autoados como desobedientes aos mandados da auctoridade, independentemente de qualquer outra penalidade.

Administração do concelho de Cintra, 30 de outubro de 1896.

O Administrador do Concelho
João Manuel Estreos Junqueira.

ASSOCIAÇÃO PROTECTORA DA CAÇA EM TEMPO DEFESO

Extracto da sessão da Direcção em 10 do corrente

PRESENTES OS srs. Anselmo de Sousa, presidente; José Vidal, secretario; Alfredo Cartaxo, vogal; e José Thomaz Coelho e Joaquim Mendes Neutel da commissão de propaganda.

Aberta a sessão ás oito horas e meia da noite, leu-se e approvou-se a acta da sessão antecedente.

No expediente foi lida uma carta da ex.^{ma} viuva do fallecido consocio o sr. Duarte Luiz Dias Antunes, em que aquella senhora agradece o voto de sentimento e a communicação que se lhe fez por occasião do fallecimento de seu esposo.

O sr. presidente propoz, e foi approdo por unanimidade, que se lançasse na acta um voto de sentimento pelo fallecimento do digno e prestigioso consocio o sr. Frederico Santos, lamentando aquella fatalidade que roubou á associação um dos seus mais dedicados membros e aos amigos um coração de ouro d'um bello rapaz de 27 annos, resolvendo-se mais que esta resolução fosse communicada a seu pae o sr. Julio Maria dos Santos e ao nosso digno consocio Alfredo Santos, irmão do fallecido.

O sr. Neutel, como membro da commissão que procurou o sr. ministro do reino, disse que esta tinha sido hoje, ás 4 horas da tarde, recebida pelo sr. ministro que lhes tinha dispensado a maior attenção e que em resposta ao pedido que lhe foi feito a fim de que a associação não pagasse tão cara a approvação dos seus estatutos, por isso que não podia ser considerada associação de recreio, o sr. ministro respondeu que faria tudo quanto possede em seu beneficio, elogiando a sua

creação e encarecendo os serviços que ella está destinada a prestar a uma das grandes riquezas do paiz, a caça.

Que a commissão se retirára muito bem impressionada, ficando de enviar amanhã um memorial.

Convidado pelo sr. presidente, o sr. Neutel leu o seguinte memorial por elle elaborado, e que foi approvedo:

Os corpos gerentes da Associação Protectora da Caça em Tempo Defeso, veem perante V. Ex.^a expôr o seguinte:

Que esta associação foi fundada com o fim d'obstar á extincção da caça no paiz, determinado pela sua escassez progressiva a que dá causa o desrespeito votado ás leis que regulam o defeso na epocha da procriação.

Que elaborando o seu projecto de estatutos criou o encargo de secundar a auctoridade no cumprimento das referidas leis, quer por fiscalisação propria, quer premiando os denunciadores e promovendo aos infractores a applicação das penas que as leis impõem.

Succede, porém, que apresentados os estatutos á approvação da auctoridade superior do districto, representada pelo Ex.^{mo} Governador Civil, lhe é exigido de sello 45\$000 réis e 39\$000 réis de emolumentos, prefazendo a quantia de 84\$000 réis que lhes parece não deverem pagar porque o seu fim é humanitario e fomentador de uma riqueza publica e cujos resultados beneficos são extensivos ao paiz inteiro, constituindo uma excepção ao abrigo e em auxilio da execução da propria lei prohibitiva da devastação das criações.

Pedem e rogam a V. Ex.^a se digne mandar isentar de sello e emolumentos a approvação de seus estatutos como lhe consta ser opinião do Ex.^{mo} Governador Civil na consulta a V. Ex.^a dirigida sobre este assumpto.

Não havendo mais nada a tratar encerrou-se a sessão eram nove horas e meia da noite.

CAÇA E CAÇADAS

DE Benavente dizem ao nosso collega O Paiz:

Já aqui têm sido vistas algumas gallinholas; os patos, porém, ainda não desceram de Coruche, onde, ainda assim, segundo nos consta, o eximio caçador d'estas aves, o sr. Gamcio, tem caçado poucas porque raras são as que apparecem.

Este cavalheiro, incansavel n'este genero de caça, assenta todos os annos os seus arraiaes de inverno nas alvercas de Coruche.

N'esta povoação ha bons praticos, mas este anno para o sr. Gameiro conseguir que elles o o acompanhem, tem de agarral-os quasi a cordel, e sustental-os á noite a chá e bolos.

Na charneca de Aldegallega, realisou-se uma caçada annual dos coelhos que costuma ser promovida pelos srs. Chistiano, Antonio, Diogo e José de Mendonça. Estes distinctos caçadores reuniram um grupo de 27 confrades tanto de Lisboa como do Alemtejo.

Mataram 195 coelhos além de muitas outras peças de caça; se o tempo não tivesse estado mau, chegando a impedir que os caçadores sahisses a campo na sexta feira, o resultado teria sido muito maior.

A honra de tão bella diversão coube ao sr. José Fernandes Viegas, pelo que foi muito victoriado pelos seus compañeros.

Para se avaliar da boa disposição que houve durante os dias da caçada, basta

dizer que as eguarias consumidas davam bem para fornecer um acampamento de forças bem mais numerosas, o que se prova também com o consumo de um casco de vinho e de quatro barris de cinco almedes cada um, de agua-pé.

A alegria e a confraternidade foram sempre grandes e á altura dos distinctos convivas.

O DIREITO DE CAÇAR

(Continuado do n.º 88)

Es se insistimos n'este ponto, é para frisar bem quanto v. ex.^a é infeliz, não produzindo nada que se não destrua com um sopro, qual castellino de cartas.

Creia v. ex.^a que a consulta d'um dicionario só nos podia repugnar quando aconselhada pela fórma que v. ex.^a nol'a aconselhou, e, a prova mais cabal d'isto, é que se os não quizessemos consultar não teríamos comprado alguns, sendo, como somos, um dos taes filhos segundos, que só vivem do seu ordenado.

Então foi ainda o Larousse que nos livrou do tal terribilissimo embaraço em que nos vímos para definir o que é caça e o que são caçadores!!

Não diremos a v. ex.^a que ponha oculos, pedir-lhe-hemos antes que os tire, porque os marotos não o deixam vêr mesmo nada, e nós já estamos cansados de fazer transcripções.

E estamos certos que se v. ex.^a tirar os oculos, os taes, e quizer vêr, verá no artigo que excitou as suas fúrias, coisa equivalente ao que aproveitámos do Larousse para lhe sermos agradáveis.

Dissemos-lhe já que com paciencia e tempo talvez se arranjasse um errosinho no Larousse, e como não é nosso habito dizer as coisas de que estamos convencidos assim como que a medo, mas alto e bom som, dir-lhe-hemos que o erro está achado e é v. ex.^a quem nol'o fornece, o que do cantinho mais recondito do nosso coração agradecemos, porque não temos tempo a perder, visto o nosso perdigueiro nos estar lembrando que faz bom sol e que as perdzes estão aqui perto nas searas.

Les cailles ne se tiennent en Europe que l'été, diz Larousse, e nós não verificámos fiados em v. ex.^a e ao mesmo tempo por preguiça.

Ora, sem comtudo, podermos afirmar, parece-nos que a phrase por v. ex.^a transcripta, quer dizer que as codornizes estão na Europa, desde 21 de junho a 22 de setembro, o que deve ser erro, segundo as opiniões de v. ex.^a, de Brehm, de Bouillet, etc., etc., que dizem que a codorniz faz a sua entrada em plena primavera; salvo se abril e maio tem em algum calendario posição por nós desconhecida.

Já vê v. ex.^a que com um bocadinho de boa vontade...

V. ex.^a dá á palavra lições um sentido muito differente do que nós lhe demos, e fazemos-lhe a justiça de acreditar que não fez assim por não nos ter entendido mas só porque lhe convinha.

Quando dissémos que não nos prestavamos a recebê-las, não era a lições sobre qualquer ramo dos conhecimentos humanos que queríamos referir-nos, pois d'essas estamos sempre promptos a receber, e, por cada uma que nós chega, o que mais temos aprendido é quanto nos falta saber para podermos aspirar a sahirnos da vulgaridade, para passarmos além de zero.

Erá d'ontras lições que queríamos tratar e, a tal respeito, o dito dito, pelo me-

nos emquanto não reconhecermos a quem quer que seja auctoridade para as dar.

Quando tratámos da citação, que v. ex.^a faz, do dr. Brehm dissémos mais do que o preciso para resposta a todos os dictionarios possiveis e imaginaveis, de sorte que o final do seu artigo longe de apimentado nos pareceu altamente insonso, chato e até deprimente para v. ex.^a que, não podendo pôr em duvida nem rebater as theorias que, bem a nosso pezar, invocámos, busca uma sahida pela porta falsa de citações de nomes que no mundo da sciencia não valem um só dos que citámos.

E ao ultimo pedido de v. ex.^a responderemos com est'outro.

Cite-nos v. ex.^a as obras portuguezas em que se as theorias que invocámos sejam victoriosamente refutadas, e então como disse o nosso grande épico:

se a tanto me ajudar o engenho e arte cantando espalharei por toda a parte

que um *codornizeiro* conseguiu alfim encontrar um argumento!!

Sabemos muito bem que *de Santarem para baixo e algum tanto para cima*, as codornizes são poucas em 15 d'agosto, mas lá diz o dictado: *quem não tem dinheiro não joga* e era isso o que nos acontecia quando vivíamos em Lisboa, queremos dizer, não caçavamos porque a algibeira não dava licença.

Mas será a anenia dos bolsos argumento bastante para que se deixe fazer tolices em maio a quem não pode em agosto pagar a viagem a Maiorca.

Quer bem parecer-nos que nem mesmo o mais *enragé* dos *codornizeiros* se atreverá a dizer tal.

(Continúa.)

MARTELLEIRO.

TIRO CIVIL

COM este titulo escreve o nosso distincto collega o *Diario de Noticias*:

«Estiveram hontem bastante desanimados os frequentadores da carreira do tiro, em Pedrouços, porque apenas alli havia uns 800 cartuchos carregados com polvora negra — da que sempre alli se tem feito uso — sendo o restante cartuchame carregado com polvora sem fumo, cuja dosagem, a julgar pelos resultados hontem obtidos, não se acha convenientemente estudada, ou cuja qualidade deixa muito a desejar. De facto, dos ensaios a que procederam os srs. capitão Vergueiro, e tenente Chrisogono Pinto, director e sub-director da carreira, não se poudo hontem estabelecer qualquer regra da pontaria, pois que dos projecteis, todos de cartuchame carregado com 2,5 grammas de polvora sem fumo, uns batiam a 100, 150, ou 200 metros, outros faziam bons agrupamentos a 300 metros, sendo a alça sempre a mesma, reconhecendo-se uma grande irregularidade de tensão na trajetoria o que, como facilmente se comprehende, inutilisa por completo os esforços dos atiradores.

Accresce ainda a circumstancia de que, para o proximo domingo, está fixada a realisação do concurso promovido na carreira pela Associação dos Atiradores Civis Portuguezes, e todos são concordes em dizer que, se não houver no domingo cartuchame de polvora negra, o concurso não poderá effectuar-se n'esse dia.

N'esse sentido, segundo nos consta, officiou já o sr. capitão Vergueiro ao sr. general commandante da divisão; e sabemos mais, que do caso teve também já hontem conhecimento o nobre ministro da guerra, que, estamos certos, providenciárá de fórma que satisfaça as justas reclamações dos atiradores.

Ha ainda a notar que o commando geral de artilheria, mandando para a carreira o cartuchame de polvora sem fumo, fixou o preço de cada cartucho em 35 réis, isto é, 10 réis mais do que os de polvora negra, exigencia essa que se não justificaria, nem mesmo se taes munições fossem capazes, porque o regulamento para os exercicios de tiro dos individuos da classe civil, aprovado pelo decreto de 18 de agosto de 1893, estabelece para cada cartucho da espina-

garda K m/1886 o preço de 25 réis, preço que já de fórma alguma se pôde considerar modico, attendendo á conveniencia de se fomentar quanto possivel entre nós o gosto por taes exercicios.

Sobre este ponto consta-nos que também o sr. capitão Vergueiro representou superiormente, e também que de tal assumpto vão tratar as direcções das associações de atiradores civis *Portuguezes e Estrella.*

O sr. ministro da guerra deu as precisas ordens para que o concurso de 15 do corrente se fizesse com polvora negra e prometeu tratar do preço dos cartuchos da polvora sem fumo. O espaço de que dispomos n'este numero não nos permite tratar d'este assumpto o que faremos no seguinte.

Associação dos Atiradores Civis Estrella

SOB a presidencia do sr. dr. Cunha Bellem, sendo secretarios os srs. Eduardo Rodrigues e Thomaz Coelho, reuniu no dia 9 do corrente a Direcção e corpos gerentes da Associação de Atiradores Civis «Estrella».

A ordem da noite era: o assentar-se alguma cousa de pratico e positivo para ver a maneira como se havia de representar ao sr. ministro da guerra para que a *elevação do preço do tiro*, não seja um facto consummado. Apesar de havermos sido convidados não podémos assistir a essa reunião o que deveras nos penalisou.

Depois da discussão de alguns alvitres apresentados por varios cavalheiros que estiveram presentes a esta sessão, foi deliberado por unanimidade o dar inteira e completa liberdade a todas as associações e grupos de atiradores para de per si resolverem qual a maneira de fazerem a sua representação ao digno ministro da guerra.

Alem da meza achavam-se mais presentes a esta sessão os srs. Joaquim Fernandes de Freitas representando o Grupo Patria, José Antonio Nunes o grupo de atiradores do Atheneu Commercial, Eduardo de Noronha, Luiz d'Oliveira Miranda Vianna, José Antonio de Carvalho Gandara, Eduardo Nunes da Motta, Manuel Nunes Ferreira, Taylor Vianna e Gil Dias do conselho fiscal.

O sr. Anselmo de Sousa, representante da Associação dos atiradores Civis Portuguezes e do jornal o *Tiro Civil*, por lhe ser de todo impossivel assistir a esta sessão, encarregou o sr. Thomaz Coelho de representar o *Tiro Civil*; como representante da Associação de Atiradores Civis Portuguezes declarou que annua a todas as resoluções tomadas n'esta sessão communicando que o sr. Palermo de Faria, presidente da direcção, já se havia dirigido em nome d'esta ao sr. ministro da guerra por causa do augmento do preço dos cartuchos.

A sessão foi encerrada ás 9 horas e 1/4 da noite, constando-nos que ainda esta semana será entregue ao sr. ministro da guerra a representação feita por esta associação.

200 RATOEIRAS!

TEMOS ha dias uma informação que nos é dada por mais de um caçador, amigos e assignantes, e absolutamente verdadeira, que perto de Benavente existe um individuo chamado Marçano que é proprietario de 200 ratoeiras para coelhos que todos os dias são armadas.

Este facto já o vímos reproduzido nos

nossos collegas, *Diario de Noticias, Campino, e Jornal de Estremoz*; assegurando-nos que o sr. administrador d'aquelle concelho, já procurou desviar o homem d'aquelle modo de vida, dando-lhe que fazer; porém, o sujeito parece ter pouco amor ao trabalho, além de que, a sua *propriedade*, lhe deve dar um rendimento muito superior, a qualquer outro, que lhe poderia produzir um mister honesto e ao abrigo da lei.

Mas, porque é que o sr. administrador não cumpre a lei? Porque não manda apprehender e destruir as ratoeira?

Porque é que em lugar de se contentar em o desviar do mau caminho, o que não consegue, apesar de ser muito para louvar, o não mette na cadeia?

Parece-nos, que desde o momento em que as tentativas do sr. administrador, não tem conseguido o fim desejado, o caminho a seguir, era unicamente o da cadeia.

Esperamos que a auctoridade do concelho, *pelo menos*, mande apprehender as ratoeiras, e por este facto, e em vista das informações, que os nossos informadores nos enviarem, assim procederemos, por isso que, estamos resolvidos a tratar esta questão até ao fim para que empregaremos os meios que julgarmos mais convenientes. Ficamos de atalaia.

Consta-nos mais, que perto do sapal de Pancas, em Corte de Sepr. existem dois individuos que exercem a mesma profissão e tem as mesmas manhas, do celebre Marçano, sendo possuidores de grande numero de ratoeiras.

E a auctoridade administrativa sem conhecer nada d'isto.

TEREMOS BICUDAS ESTE ANNO?

Aqui, na minha terra, a pergunta que encima este pequenino artigo, é aquillo que mais se ouve da bocca dos caçadores, agora, que quasi nenhuma codorniz se encontram já, que se sabe que em tal ou qual sitio andam duas ou tres perdizes e que são horas d'irem entrando as gallinholas nos nossos territorios para contento d'aquelles que aneiam pela chegada d'ellas.

A mim tem-se-me feito muita vez essa pergunta, a que eu, um pouco atrapalhado, tenho respondido irresolutamente.

O tempo frio, menos humido que secco, que vae correndo, tem-me obrigado a sahir algumas noites enganbardonado, e o meu confrade e bom amigo Ayres de Carvalho, um apaixonado pelas gallinholas sem rival, tem-se regalado todo de me ver assim, porque vê n'isso indicios de regular entrada de bicudas; o que é certo, porém, é que estamos já a 7 de novembro, e eu ainda não ouvi dizer, firmemente, que nos nossos arrabaldes apparecesse sequer uma gallinholas, a despeito de, na minha opinião, o tempo ir decorrendo magnifico para a sua arribação aos terrenos que se avizinham do nosso littoral.

Ainda não é tarde, todos o sabem bem, para que as consideradas gallinaceas se appropinquem de nós; mas, em annos menos bonancosos, por esta época, não se têm negado tanto os rumores sobre a sua estimada visita ou sobre o passamento funebre d'alguema que, mais apressada, se atrevêra a acutar-se aqui, nas nossas bouças, sem se lembrar de que o seu flexuoso vôo nem sempre a livraria d'escapar da morte, que tão desapiedada é e tanta injustiça faz.

São os rigores dos gélcos e os ventos

frios do levante e do nordeste, que se oppoem á sua trivial alimentação, que as trazem das altas montanhas onde costumam habitar durante o estio. O abaixamento da temperatura que entre nós se tem feito sentir n'estes ultimos dias, acompanhado d'esses ventos que as obrigam a emigrar d'aquellas paragens inhospitas, e as chuvas instaveis e entermeadas de tempo secco, dizem-nos que vamos têr gallinholas este anno, se as coisas não mudarem, gallinholas a fartar, por assim dizer, senão em toda a parte, pelo menos em alguns sitios; preparem-se, pois, os caçadores amantes d'esta caça e verão que não me hei de enganar muito em minha presenciam, se o tempo continuar como até aqui, apenas mais uns dias.

Quando o tempo corre assim, como tem corrido agora, sem abundancia de chuvas, e frio, a gallinholas, segundo o que nos ensina a pratica, acode mais á beiramar; contentes, por conseguinte, devem estar os caçadores do Porto, por lhes sorrir a esperanza de não terem necessidade d'ir procural-as, este anno, muito longe, quando se contentem com as que podem encontrar nas bouças e montados da Carriça, em Alfêna, S. Romão, Laundos e, passando á banda d'alem, em Esmoris, Ovar e Estarreja, onde ha para ellas sitios magnificos.

A minha caça predilecta, a que mais me enthusiasma, é, como tenho dito já, a caça da perdiz; este anno, á falta d'ellas, vou virar-me para a caça da gallinholas, se as minhas previsões tiverem a sorte que as de Noherlesoom têm tido, quando o não deixam ficar mal.

E a respeito de gallinholas vivas fiquemos por aqui, por hoje, apesar de, ácerca d'ellas, haver ainda muito que dizer.

Vou agora fallar-lhes de gallinholas mortas. Vou fallar-lhes não; a fina penna do meu distincto amigo e distinctissimo caçador Ernesto Vianna é que vae contar, mais uma vez, uma anecdota interessantissima, de A. de la Rüe. Não de, por certo, tel-a já ouvido, e será mesmo conhecida de muita gente extranha á venatoria; dita mais uma vez, principalmente agora que o paiz até pode vir a lucrar com a revivescencia d'ella, n'este momento em que os nossos estadistas pensam a sério na negociação d'um tratado importantissimo, não deixa de ter seu lugar, verão, a tal anecdota, e talvez eu ainda apanhe, por a lembrar, em occasião tão opportuna, alguma commenda-sinha.

«Os costumes da gallinholas têm sido por muitas vezes contados para que devamos occuparmo-nos d'este ponto, se bem que muita coisa ficasse ainda por dizer, e muitos erros ácerca d'esta ave necessitasse de ser rectificadicos.

Eu occupar-me-hei tão sómente aqui dos seus merecimentos gastronomicos, que sobremodo justificam os encomios que lhe foram tecidos pelos nossos escriptores mais espirituosos, e nomeadamente por Brillat-Savarin, para citar um só.

Outro espirito forte, Gérard de Nerval, que sabia ver as coisas com tanta lucidez, tinha para si como certo que se um grande homem não deve nunca a sua elevada posição ao criado de quarto, pode, todavia, devel-a ao seu cozinheiro.

Hoje bastaria Trompette para novamente nos confirmar esta verdade incontestavel. Era possuido d'essa idéa que Nerval creava de tempos a tempos axiomas para melhor a insinuar.

A cozinha, dizia elle, é a *irmã de caridade* da diplomacia.

Sem se ser bom cozinheiro, não se pode ser bom diplomata.

O embaixador pouco se importa com a escolha de todo o seu pessoal; trata-se do seu cozinheiro, procura-o elle mesmo e paga-lhe bem.

(Continua.)

B. DE SÁ.

TIRO CIVIL EM CHAVES

Por proposta do illustrado presidente da Camara Municipal d'esta cidade, aquella corporação approvou e fez incluir no seu orçamento a verba de 30\$000 réis para premio aos melhores atiradores civis.

São poucos todos os elogios tanto á iniciativa do digno presidente, como a todos os membros d'aquella municipalidade, que tão bem sabem comprehender o dever que a todos assiste de bem cuidar praticamente o verdadeiro meio de sermos fortes, a instrucção do tiro nacional.

Chaves é a segunda cidade do paiz em que os municipios lançaram nos seus orçamentos verbas para premios aos atiradores civis. A primeira foi Lisboa em cujo orçamento municipal está incluida a verba de 250\$000 réis para tão patriótico fim; são exemplos dignos de serem imitados por todos os outros municipios, que incluindo nos seus orçamentos uma verba que não precisava ser superior á que Chaves acaba de votar, dariam meios para ter uma educação de tiro nacional de primeira ordem, applicando estas quantias a trabalhos e premios nas carreiras de tiro, quer de guarnição quer regimentaes, que existem no paiz, conforme a auctorisacão que consta do n.º 1 do regulamento para exercicio de tiro dos individuos da classe civil approvedo por decreto de 18 de agosto de 1893.

A' cidade do Porto, representada pelo seu municipio, competia-lhe, por isso que tem meios para o fazer, não só subsidiar as carreiras mas ainda mais, promover a installação de uma n'aquella cidade, como patrioticamente deliberou em principios de 1890, quando mais do que nunca sentimos quão prejudicial era a nossa fraqueza.

NOVA PISTOLLA

Deu entrada no conselho do almirantado um requerimento do sr. Alfredo Loureiro da Fonseca, commissario de 3.ª classe, pedindo lhe seja permitido construir um modelo d'uma pistolla de repetição no Arsenal de Marinha.

O requerente descreve um projecto d'esta arma que tanto em pezo como em dimensões é igual ao typo *Abbadie*; é construida solidamente sem peças frageis que compromettam o seu funcionamento, com muito reduzido numero de mollas, carregamento instantaneo para um minimo de seis cargas, de modo que funcione, por completo, pela acção unica e simples do dedo indicador, identico ao tiro continuo dos actuaes revolvers; é muito facil de desmontar. Propõe pagar á sua custa o fabrico, quando a arma não mereça a approvação dos peritos.

Editor responsavel — Manuel Augusto Pinto

A LIBERAL — Officina typographica
Rua de S. Paulo, 216